

Denise Morado Nascimento

Orientadora:
Profa. Dra. Regina Maria Marteleto

a

REDEFINIÇÃO DA EDIFICAÇÃO URBANA

094

pós-

RESUMO

Este artigo parte do entendimento da edificação urbana como produto sintetizador da “arte de construir edifícios”, imerso em suas dimensões sociais e culturais. Esse fio condutor nos permitirá compreender que a edificação pode ser caracterizada sob a dimensão antropológica, além da fórmula *utilitas, firmitas e venustas* (utilidade, estabilidade e beleza) do arquiteto romano Vitrúvio, como condição a possibilitar a criação de mecanismos que contribuam para a aproximação tão necessária entre o campo da arquitetura e a sociedade, a ser manifesta no projeto, na execução e na apropriação do espaço. Para tal, investigamos a edificação urbana como objeto fruto do conjunto de ações culturais e informacionais, das interações sociais e das significações simbólicas. As conclusões nos levam a olhar a edificação urbana como um *medium* informacional – um dispositivo técnico de conteúdo carregado de informação, a expressar as inter-relações artísticas, ambientais, científicas, técnicas, sociológicas, econômicas, políticas e históricas, e, em sua tectonicidade, abriga as relações e práticas sociais, além de manifestar visões de mundo da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE

Edificação, tectônico, informação, *medium* informacional, arquitetura.

LA REDEFINICIÓN DE LA EDIFICACIÓN URBANA

pós- | 095

RESUMEN

Este artículo parte de la comprensión de la edificación urbana como un producto sintetizador del “arte de construir edificios”, inmerso en sus dimensiones sociales y culturales. Este hilo conductor nos permitirá comprender que la edificación puede caracterizarse en la dimensión antropológica, además de la fórmula *utilitas, firmitas y venustas* (utilidad, estabilidad y belleza) del arquitecto romano Vitruvius, como condición para la creación de mecanismos que contribuyan para el necesario acercamiento entre la arquitectura y la sociedad, que se manifiesta en el proyecto, la ejecución y la apropiación del espacio. Para tanto, investigamos la edificación urbana como un objeto fruto del conjunto de acciones culturales e informacionales, de las interacciones sociales y de las significaciones simbólicas. Las conclusiones nos llevan a considerar la edificación urbana como un *medium* informacional – un dispositivo técnico cargado de información, que expresa las inter-relaciones artísticas, ambientales, científicas, técnicas, sociológicas, económicas, políticas e históricas y que, en su tectonicidad, abriga las relaciones y prácticas sociales, además de expresar las visiones de mundo de la sociedad.

PALABRAS CLAVE

Edificación, tectónico, información, *medium* informacional, arquitectura.

ABSTRACT

This article views the urban building as a product of the “art of edifying”, engaged in its cultural and social dimensions. This conducive stream allows us to understand that the building can be defined under the anthropological dimension beyond the rule *utilitas, firmitas, and venustas* (utility, stability, and beauty) defended by the roman architect Vitruvius; this is the condition which allows the creation of mechanisms that contribute to the necessary approximation between architecture and society, which should be expressed in design, execution, and the appropriation of space. As such, we investigate the urban building as an object resulting from a set of cultural and informational actions, from social interactions, and from symbolic significance. The conclusion leads us to look at the urban building as an informational *medium* – a technical device filled with information, which expresses artistic, environmental, scientific, technical, social, economic, political and historical interrelations; and whose tectonicity shelters social relations and practices and manifests society's world vision.

KEY WORDS

Building, tectonic, information, informational *medium*, architecture.

INTRODUÇÃO

Quando falo sobre a edificação urbana acolho, além do conhecimento adquirido e vivido como arquiteta, os questionamentos e investigações sobre o que tem me incomodado. A cidade, ou parte dela, tem representado a *maximização* da individualidade artística, da intelectualização de especialistas, do desafio tecnológico, da interpretação gráfica das convenções do desenho, da elitização de idéias em resposta, na maioria das vezes, ao *mercado*, da divisão social do trabalho e das práticas profissionais fragmentadas por interesses, conhecimentos e habilidades distintos.

Caberia o entendimento de a edificação ter apresentado um desequilíbrio na aplicação de conceitos; por um lado, a plasticidade formal, a articulação espacial, o logicismo funcional, a expressão estética, a superação tecnológica e, por outro lado, as potencialidades de intenções sociais e culturais.

Ainda que reconheçamos que as regras econômicas e as estruturas sociopolíticas impostas pelo modelo capitalista conformam as condições de existência, produção e reprodução do espaço construído, não podemos negar a subordinação ou alienação dos arquitetos (ou parte deles) ao limitar sua prática profissional à minimização dos problemas latentes e crônicos do caos urbano, distanciando-se de uma função catalisadora, política e participativa na sociedade.

Ora, se o conjunto de atividades dos processos do projeto e da produção da edificação é exercido *para e pelo homem*, não pode estar separado de suas peculiaridades sociais. Devemos, no mínimo, reconhecer essas relações e entender que *construir* edificações pressupõe um conjunto de conhecimentos – artísticos, ambientais, científicos, técnicos, sociológicos, econômicos, políticos e históricos – os quais se revelam no tempo e no espaço como *informação*. Esta, construída em torno de crenças, percepções, significações, simbologias, linguagem, sentidos e valores culturais é transferida pelas práticas sociais.

O que tentarei mostrar a seguir é: entender (ou ler) a edificação como objeto fruto dessa *informação construída* possibilita caracterizá-la sob a dimensão antropológica. E como isso nos interessaria?

Dentro do universo da vida cotidiana moderna, a leitura da edificação sob a dimensão antropológica, isto é, além daquelas estabelecidas pela fórmula *utilitas, firmitas e venustas* (utilidade, estabilidade e beleza) do arquiteto romano Vitruvius, pode nos permitir criar mecanismos que contribuam para a aproximação tão necessária entre o campo da arquitetura e a sociedade, a ser manifesta no projeto, na produção e na apropriação do espaço.

Para tal, caminharemos dentro dos limites do objeto *tectônico*, conceito distinto desta pesquisa, a ser detalhado mais à frente, que designa a edificação urbana como produto sintetizador da “arte de construir edifícios”, imerso em suas dimensões sociais e culturais. Tomamos como referência os questionamentos do arquiteto alemão Gottfried Semper, responsável pelo construto antropológico do conceito *tectônico* para a arquitetura.

Em seguida, aliamos o olhar sobre a *informação* de Birger Hjørland, teórico da ciência da informação, para postularmos a edificação como *medium* informacional – um dispositivo técnico de conteúdo carregado de informação, e

que, em sua *tectonicidade*, abriga as relações e as práticas sociais, além de manifestar visões de mundo da sociedade.

Cabe ressaltar a importância em apreender um evento do campo científico a partir de uma base conceitual interdisciplinar construída por teóricos da arquitetura (SEMPER, FRAMPTON; HUCHET) e da ciência da informação (HJORLAND; CAPURRO; MARTELETO).

OLHANDO A EDIFICAÇÃO COMO OBJETO TECTÔNICO

Por meio da história cronológica do termo “tectônico”, o crítico de arquitetura Kenneth Frampton (2006)¹ identifica três condições distintas no estudo das edificações:

1 – Como objeto tecnológico, que nasce como resposta a uma necessidade instrumental, isto é, o elemento construtivo em si;

2 – como objeto cenográfico, usado para representar um elemento ausente, abstrato ou escondido;

3 – como objeto tectônico, o qual sintetiza ambas as maneiras ontológica (elemento técnico-estrutural) e representacional (elemento simbólico-estrutural) de um objeto.

Frampton (2006) faz uso do termo “tectônico” como pilar de uma base conceitual que fundamenta argumentos sobre a prevalência de um movimento em direção ao “consumo da arquitetura”. Os edifícios contemporâneos, segundo ele, representam uma arquitetura resultante da apropriação da técnica pela especulação, da valorização do sucesso artístico, do detrimento do trabalho e da substituição da criatividade pela mecanicidade.

Em suas investigações, Frampton (2006) revela que a palavra *tectonic* é publicada na língua inglesa em um glossário de 1656, significando “relativo à construção”, quase um século depois da palavra *architect*, em 1563. Na Alemanha, segundo ele, a palavra está presente no estudo do *scholar* Karl O. Muller, *Handbouch der arhaologie der kunst*, 1850, servindo de influência ao sentido moderno de tectônico expresso nos ensaios de Karl Bötticher – *Tektonik der hellenen*², em 1843-1852, e de Gottfried Semper – *Die vier elemente der baukunst*, em 1851, e *Der stil in den technischen und tektonischen Künsten oder Praktische aesthetik*, publicado em dois volumes, entre 1863-1868³.

Embora tanto Bötticher como Semper tenham tratado da significação tectônica da edificação, Semper foi o responsável pelo acréscimo da “*dimensão antropológica específica à noção de forma tectônica*” (FRAMPTON, 2006, p. 563). Huchet (2005, p. 182) confirma essa atribuição, afirmando que Semper estabeleceu a “*disposição dos elementos arquitetônicos com suas significações originárias, em detrimento do aspecto circunstancial caracterizado pelo sistema construtivo e suas justificativas funcionais*”.

Com isso, proponho entender a construção conceitual de Semper⁴, que, a meu ver, amplia o sentido ontológico e representacional, colocado por Frampton, quando insere a edificação no universo ambiental, social e cultural.

Ao elaborar sua teoria, Semper se apoiou, inicialmente, em sua insatisfação diante das edificações modernas de seu tempo, a Alemanha do século 19,

(1) O artigo original de Frampton, “Rappel à l’ordre. The case for the tectonic”, foi publicado em *Architectural Design*, v. 60, n. 3-4, 1990, p. 19-25.

(2) Título em inglês: *The tectonic of the hellenes*.

(3) Títulos em inglês, respectivamente: *The four elements of architecture* e *Style in the technical and tectonic arts or practical aesthetic*.

(4) O livro original de Semper, *The four elements of architecture*, foi publicado pela MIT Press em 1989, mas se encontra esgotado. No Brasil, há um único exemplar na biblioteca da USP/MAC que não o disponibiliza para empréstimo. Sendo assim, optamos pela leitura do livro de Herrmann Wolfgang. *Gottfried Semper, in search of architecture*. Cambridge: MIT Press, 1984. Além de ser um ensaio sobre Semper, apresenta textos originais do autor.

marcadas pela “*pobreza, segura, rigidez e falta de caráter*” (apud HERRMANN, 1984). O principal incômodo de Semper pode ser atestado por sua constante pergunta sobre a causa do declínio da arquitetura e as circunstâncias que tornavam tão difícil, para os arquitetos, criarem edificações de igual qualidade daquelas do passado. Para o arquiteto, a fragmentação das artes (pintura, escultura, poesia, música, dança, etc.) e a independência da arquitetura, ocorridas no Renascimento, eclipsaram os significados sociais e simbólicos da edificação.

Essa realidade alimentou Semper a propor uma nova maneira de ler-se (e de fazer-se) a edificação moderna por meio da definição de quatro elementos construtivos: *hearth*, *mound*, *roof* (telhado), *enclosing membrane* (membrana envoltória). O uso das palavras *hearth* e *mound* é figurativo, representando, respectivamente, “lareira” ou “lar” e “movimento de terra” com o objetivo de proteção. Por isso, optamos em não traduzir os termos. Huchet (2005) traduz os quatro elementos como lar, plataforma, recinto e teto.

A origem do *hearth* está ligada ao sentido de embrião, em referência aos homens primitivos que se reuniam em volta do fogo para se manterem secos e aquecidos ou prepararem a comida. A necessidade de os homens resguardarem o *hearth* contra o tempo e contra o ataque de animais e homens hostis representou a razão primária para que elementos de proteção ou fechamento fossem erguidos à volta da edificação:

- 1 – a membrana envoltória, como uma pele ou revestimento, formando os planos verticais e determinando a forma;
- 2 – o telhado, associado a uma estrutura e compondo o plano horizontal superior;
- 3 – e o *mound*, ou trabalho de terra, relativo ao plano horizontal inferior que sustenta os outros elementos.

Esses elementos foram resgatados quando Semper investigava a projeção de espaços de ancestrais primitivos, gregos, egípcios e romanos, os quais reconheciam as conotações sociais e simbólicas dos espaços.

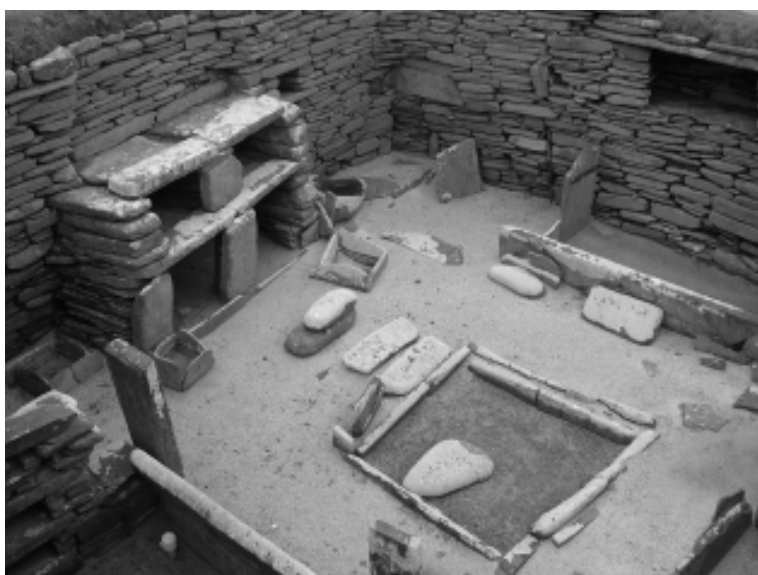


Figura 1: Residência Orkney, período Neolítico. *Hearth* (e o fogo) como centro da vida social e doméstica
Crédito: Foto de Sigurd Towrie

Para Semper (1984b), o *hearth* é o núcleo de todas as instituições sociais, tornando-se, ao longo dos tempos, um símbolo moral relacionado à união do lar, da família e das nações. Estar em volta do *hearth* (a lareira ou o altar) representa viver o nexos espiritual da forma arquitetônica por meio da vida familiar e social⁵.

Huchet (2005, p. 180) afirma que o conceito de *hearth* representa a encarnação da “dimensão total questionada”. Dessa forma, cabe o entendimento claro da intenção de Semper em aproximar a edificação e o homem, propiciando o desenho e a execução de um espaço que faz sentido para quem o vivencia, experimenta e reconhece-se no mundo.

Com isso, Semper (1984c) passa a ver a edificação como produto de uma arte cósmica e não-plástica e toma a natureza como modelo – a tectônica – permitindo a criação de edificações de forma natural. O bom arquiteto seria aquele que criasse a edificação como se a natureza as tivesse produzido. A arte de construir edificações passa a ser criativa e não mais imitativa. A perfeição geométrica (a técnica, a estrutura), preconizada pela racionalidade, passa a ser complementada pelas possibilidades sociais e qualidades simbólicas (o homem) por meio de seus quatro elementos construtivos.

Influenciado pela lingüística de sua época, Semper se preocupou, de forma explícita, com a etimologia da palavra. *Hearth* deriva do verbo latino *aedificare* que deu origem à palavra inglesa *edifice*, significando, literalmente, *to make a hearth* – fazer um lar, latentes em si o aspecto da permanência. As conotações institucionais das palavras *hearth* e *edifice* são sugeridas pelo verbo *to edify* que significa educar, instruir.

O elemento *hearth* tem o papel de (re)ligar o que fora fragmentado no Renascimento – o significado simbólico e a solução técnica da edificação.

Com essas considerações, a seguinte questão surge: é possível abraçar, em tempos atuais, esse modo de pensar no qual a edificação vai além de suas referências às expressões artísticas, às intenções estéticas, aos desenhos técnicos e à racionalidade funcional? Por que seria necessário restaurar a dimensão antropológica da edificação?

AJUSTANDO O FOCO

Ao reconhecermos que, desde a infância, vivenciamos uma edificação, podemos afirmar que a descoberta do espaço social é parte do processo da construção de nossa identidade. De Certeau, Giard e Mayol (1996, p. 40) consideram essa prática decisiva “na medida em que essa identidade lhe permite assumir o seu lugar na rede das relações sociais inscritas no ambiente”.

A prática é sempre social, pois se insere em contextos social e histórico que concedem estrutura e significado ao que fazemos. Nessa perspectiva, é impossível negarmos a inserção da edificação urbana no universo da prática social, quando o sujeito se sente reconhecido e age.

Se as práticas sociais acontecem na edificação, cabe o entendimento de ela ser o meio dessas práticas. Isso significa que não cabe mais ver a edificação como *registro físico*, resultado dos parâmetros da estética arquitetônica alinhada

(5) Cabe notar a análise de Bourdieu (2002, p. 101) sobre a casa kabilia, Argélia, na qual acentua a importância do fogo: “... em todos os ritos nos quais intervém, o fogo e as pedras que o cercam derivam sua eficácia mágica da participação da ordem do fogo, do seco e do calor solar, seja no caso de proteção do mau-olhado, de doença ou de pedir bom tempo.”

com a tecnologia provinda da engenharia (e não da própria arquitetura), que permanece no espaço e tempo como objeto-abrigo.

A individualidade da edificação depende de sua forma expressa em estética e técnica, mas sua existência é dada pela história no espaço e no tempo – a *informação construída*. Com isso, a edificação é meio (e não *obra*) que se constrói pelas multiplicidades daqueles que o desenham, fazem-no e vivenciam-no.

Dessa maneira, o meio somado à informação construída – *medium* informacional – encerra um conjunto de condições (sociais, ambientais, históricas, políticas, econômicas, culturais e técnicas) que fomenta a coletividade, as visões de mundo, as experiências, as impressões, o montante de conhecimento, a biografia social do sujeito que representa, atua, aprende, ensina, transforma, opta, produz e consome, e, também, desenha o projeto, manipula a matéria e vivencia o espaço.

Isso significa que o sujeito qualifica e julga o objeto, adequado ou não, verdadeiro ou falso, belo ou feio, distinto ou vulgar, como utilidade, produto econômico, obra de arte ou bem simbólico, graças à sua capacidade de racionalizar e de construir sua subjetividade.

Para ter e ampliar essa capacidade, o sujeito necessita de embeber-se de *informações* para que suas escolhas possam ser feitas – informação, em seu sentido ontológico, como aquilo capaz de criar contextos de significado (CAPURRO; HJORLAND, 2003)⁶. Dentro da teoria social do sociólogo Pierre Bourdieu (1999), podemos dizer que a informação é manifestação social e cultural de sujeitos posicionados pela estrutura do espaço social (*campo*), atrelados à posse e à possibilidade de acesso ao conhecimento (*capital*) e à biografia social e cultural (*habitus*) de cada sujeito.

(6) O significado epistemológico da informação, como “instruir” e “providenciar conhecimento” – *to instruct e to furnish with knowledge*, tem prevalecido no lugar do significado ontológico de dar forma a alguma coisa – *giving form to something* (CAPURRO, 1992).



Figura 2: Autoconstrução – Aglomerado da Serra (Seu Francisco), Belo Horizonte, 2007

Seu Francisco é pedreiro há mais de 30 anos; trabalha sozinho por opção. É dono de uma casa em Nova Contagem e outro barracão na favela. Disse que, ao chegar ao Aglomerado, gostou das pessoas e do lugar; sendo assim, resolveu deixar lá sua marca – “o castelo”. Concebe o projeto na imaginação, quando vai dormir: “*meu desenho é Deus que me dá, na minha memória.*” Quanto à produção formal, diz: “*é obra de arte do dinheiro.*”

Crédito: Foto do Grupo de Pesquisa Morar de Outras Maneiras (MOM/UFMG)

A possibilidade de olhar a edificação como um *medium* informacional é tratá-la fora de seus limites de *sistema* (ou *obra*) ou do produto mercadológico do setor de edificações. Se a edificação expressa a maneira de o homem se relacionar com o mundo, o homem e Deus, é porque são os sujeitos e suas práticas em seu tempo que dão forma ao objeto.

OLHANDO A EDIFICAÇÃO COMO *MEDIUM* INFORMACIONAL

Quando afirmamos que a edificação urbana é um dispositivo técnico que carrega informação, o *medium*, entende-se a edificação urbana como expressão *tectônica* de uma prática informacional (que é social).

Esse argumento é sustentado teoricamente pela visão de Birger Hjørland⁷ sobre a informação, a partir da abordagem do paradigma social dentro da ciência da informação. Hjørland (1995, 1997) expõe sua teoria afirmando, primeiramente, que a unidade de análise da ciência da informação deve ser formada pelos campos coletivos de conhecimento ou domínios de conhecimento concernentes às suas *comunidades discursivas* (*discourse communities*). Estas são construções sociais distintas, compreendidas por indivíduos sincronizados em pensamento, linguagem e conhecimento e, naturalmente, concatenadas às dimensões culturais e sociais da sociedade moderna.

Hjørland (1995, 1997) propõe a análise de domínio (*domain analysis*) como abordagem que enfatiza as dimensões social, histórica e cultural da informação. A análise de domínio reconhece que as comunidades discursivas se compõem de atores com pontos de vista distintos, estruturas de conhecimento individuais, predisposições, critérios de relevância subjetivos, estilos cognitivos particulares.

No caso da edificação, são, principalmente, os usuários e vizinhanças (a cidade), mas também os agentes responsáveis por seu planejamento, projeto e execução (arquitetos, engenheiros, operários da construção e outros técnicos); os fabricantes de material de construção; os fornecedores da indústria e do comércio; os órgãos públicos ou privados responsáveis pela aprovação, coordenação de projeto, controle e fiscalização das obras; conselhos de patrimônio; as instituições de financiamento; os incorporadores imobiliários; os agentes publicitários e os responsáveis pela operação e manutenção.

Mas essa composição apenas se faz presente graças ao jogo entre as estruturas do domínio de conhecimento e o conhecimento individual de cada sujeito. A história do indivíduo está inserida dentro de uma história coletiva (o *campo* de Bourdieu) e são as variáveis e diferenças entre o nível individual e social que caracterizam as possibilidades de diferentes percepções, trajetórias, propósitos, apreciações e, também, oposições, conflitos, relações de força e poder, interesses, contradições e tensões em cada domínio de conhecimento.

As premissas básicas da abordagem da análise de domínio proposto por Hjørland são relacionadas, principalmente, à teoria da atividade dos pensadores russos Lev Vygotsky e Alexey Leontiev. Em seu preceito, o conhecimento é visto como resultado da interação do sujeito com o meio, como estrutura criada

culturalmente e produto histórico da atividade humana ligada não às mentes dos indivíduos ou ao racionalismo cartesiano, mas à prática social.

Essa possibilidade de olhar-se a “informação” significa a mudança da unidade de estudo de um fenômeno físico da informação como “coisa” (paradigma físico) ou “estado mental de idéias e opiniões” do indivíduo (paradigma cognitivo), para um fenômeno social de informação coletiva, estruturas de conhecimento e instituições de memória das *comunidades discursivas* (paradigma social).

Ora, se a informação não é apenas uma “coisa” a ser fisicamente observada ou mentalmente percebida, e sim historicamente *construída*, podemos concluir que os sujeitos criam mecanismos informacionais (percepção, memória, imagem, etc.) para reconhecer, interpretar e transmitir significados. Ou seja, agir. Como resultado, a informação renasce de seu sentido ontológico – aquilo que “dá forma a alguma coisa”, quando inserida dentro de seu contexto cultural e social e não apenas causal ou natural.

É nesse cenário que a informação é construída – como um meio a (re) ligar um conjunto de conhecimentos fragmentados e recortados em falas e leituras criadas no contexto social (TEIXEIRA, 1995). A informação se constrói como elemento a organizar o que está disperso e conflitante, surgindo como uma questão técnica, mas se revelando também no âmbito cultural, pois alimenta as maneiras próprias de ser, representar e estar do sujeito (MARTELETO, 1995).

Sendo assim, a edificação se revela como *medium* informacional, “já que, graças à extrema intencionalidade de sua produção e de sua localização, eles já surgem como informação; e, na verdade, a energia principal de seu funcionamento é também a informação”⁸ (SANTOS, 2002, p. 238).

(8) Podemos reconhecer aqui os *detalhes* teorizados por Marco Frascari (2006), que, segundo ele, representam não uma questão técnica, mas um problema filosófico da arquitetura pertencente ao âmbito das teorias da percepção.



Figura 3: Centro Administrativo do Estado de Minas Gerais, governo Aécio Neves – Projeto de Oscar Niemeyer

“O governador avalia que os benefícios vão transferir para a região Norte da capital o vetor de crescimento da cidade, possibilitando novo reordenamento urbano.” *Jornal Estado de Minas*, 16/02/2006.

“A construção da Linha Verde e a anunciada implantação do Centro Administrativo do governo no antigo hipódromo Serra Verde, sem planejamento e medidas capazes de proteger o patrimônio natural, cultural, histórico, arqueológico, espeleológico e paleontológico da região, foram duramente criticados pelos ambientalistas.” *Informativo Associação Mineira de Defesa do Meio Ambiente*, 05/07/2006.

“Não vamos ter medo do monumental, nos disse aqui hoje o mestre Niemeyer. Quem tem privilégio de sentar-se na cadeira de governador do Estado de Minas Gerais, sobretudo com o apoio que tivemos nas duas eleições, não tem sequer o direito de pensar pequeno.” *Crédito: Agência Minas (foto de divulgação)*, 03/04/2007 – Governo do Estado de Minas Gerais

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos desafios da arquitetura, entre muitos, tem sido garantir, conjuntamente, a aceleração produtiva, o uso de recursos e o desenvolvimento sustentável das cidades, visando ao atendimento das necessidades dos cidadãos, sem o comprometimento da capacidade das gerações futuras no suprimento de demandas ambientais, sociais e financeiras.

Sob o ponto de vista mais abrangente de Brandão (2002, p. 11), “o maior problema das cidades é termos perdido a capacidade de habitar o mundo, de fazer nelas o lugar familiar e adequado ao aprimoramento de nosso corpo, de nosso espírito e dos usos e hábitos de nosso tempo”.

Mas o que falhou, então, no processo do exercício da arquitetura, ou, quais caminhos a arquitetura percorreu para que se perdesse o sentido de sua responsabilidade?

Se, por um lado, a arquitetura se afastou do entendimento do que seja a sociedade (e sua própria comunidade discursiva), por outro lado, constituiu um discurso que nega a realidade existente ou representa uma realidade palatável.

Acreditamos ser necessário aprofundar-se no entendimento do funcionamento e dos embates da comunidade discursiva da arquitetura, que projeta e executa a edificação, a partir da explicitação ontológica da informação a qual *dá forma* ao objeto tectônico. Ou, inversamente, explicitar a informação a qual *dá forma* ao objeto tectônico para preencher as lacunas dos processos de projeto e da execução da edificação.

Talvez nossa tentativa seja a de transformar a edificação em um fato mais próximo de seus pressupostos humanísticos, tornando-a um instrumento capaz de contribuir para o processo de transformação do cotidiano moderno – valorizar a função social da arquitetura. Ou, como pensa a filósofa Otília Arantes (2001, p. 54), ao questionar sobre os ideais da arquitetura: “*quem em sã consciência não desejaria assistir à aliança claramente instituída entre a arte mais exigente e a expressão coletiva de finalidades sociais?*”

Acreditamos, assim, aceitar os limites do que conhecemos, mas, também, provocar discussões sobre as possibilidades de produção de um outro saber – a edificação urbana como *medium* informacional a expressar as inter-relações artísticas, ambientais, científicas, técnicas, sociológicas, econômicas, políticas e históricas. Esperamos que essa outra forma de olhar a edificação urbana possa contribuir com a incorporação de uma significativa parcela de conhecimentos ao acervo de abordagens sobre a arquitetura e, como tal, contribuir para enfrentar, de forma mais coerente e atuante, os desafios atuais da sociedade.

BIBLIOGRAFIA

- ARANTES, Otília B. Fiori. *Urbanismo em fim de linha; e outros estudos sobre o colapso da modernização arquitetônica*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001.
- BICCA, Paulo. *Arquiteto a máscara e a face*. São Paulo: Projeto, 1984.
- BOURDIEU, Pierre. A casa ou o mundo às avessas. In: CORRÊA, Mariza (Org.). *Ensaio sobre a África do Norte*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2002a. (Coleção Textos Didáticos).
- _____. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. *A formação do homem moderno vista através da arquitetura*. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

- CAPURRO, Rafael. What is information science for? A philosophical reflection. In: VAKKARI, Pertti; CRONIN, Blaise. Conceptions of library and information science: historical, empirical and theoretical perspectives. In: THE INTERNATIONAL CONFERENCE HELD FOR THE CELEBRATION OF 20TH ANNIVERSARY OF THE DEPARTMENT OF INFORMATION STUDIES, UNIVERSITY OF TEMPERE, 1991, Finlândia. *Proceedings...* Londres: Taylor Graham, 1992.
- ____; HJORLAND, Birger. The concept of information. *Annual Review of information science & technology*, Nova York, v. 37, p. 343-411, 2003.
- DE CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *Morar e cozinhar. A invenção do cotidiano*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- FERRO, Sérgio. *Sérgio Ferro arquitetura e trabalho livre*. São Paulo: CosacNaify, 2006.
- FRAMPTON, Kenneth. Rappel a l'ordre: Argumentos em favor da tectônica. In: NESBITT, Kate (E.). *Uma nova agenda para a arquitetura*. São Paulo: CosacNaify, 2006.
- FRASCARI, Marco. O detalhe narrativo. In: NESBITT, Kate (E.). *Uma nova agenda para a arquitetura*. São Paulo: CosacNaify, 2006.
- GOVERNADOR Aécio Neves apresenta projeto do Centro Administrativo do Estado. *Agência Minas*, Belo Horizonte, 03 abr. 2007. Disponível em: <<http://www.agenciaminas.mg.gov.br>>. Acesso em: jul. 2007.
- HERRMANN, Wolfgang. *Gottfried Semper: In search of architecture*. Cambridge: MIT Press, 1984.
- HJORLAND, Birger. Documents, memory institutions and information science. *Journal of Documentation*, Londres, v. 56, n. 1, p. 27-41, 2000.
- ____. Domain analysis in information science: Eleven approaches traditional as well as innovative. *Journal of Documentation*, Londres, v. 58, n. 4, p. 422-462, 2002.
- ____. *Information seeking and subject representation: An activity-theoretical approach to information science*. Nova York: Greenwood Press, 1997.
- ____; ALBRECHTSEN, Hanne. Toward a new horizon in information science: domain-analysis. *Journal of the American Society for Information Science*, Washington, v. 46, n. 6, p. 400-425, 1995.
- ____; HARTEL, Jenna. Introduction to a special issue of knowledge organization. *Knowledge Organization*, Frankfurt, v. 30, n. 3-4, p. 125-27, 2003.
- HUCHET, Stéphane. Horizonte tectônico e campo "plástico" – De Gottfried Semper ao grupo Archigram. In: MALARD, Maria Lúcia. *Cinco textos sobre arquitetura*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- MARTELETO, Regina Maria. Cultura informacional: Construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. *Ciência da Informação*, v. 24, n. 1, 1995. Disponível em: <<http://www.ibict.br>>. Acesso em: jan. 2003.
- NOVO eixo do poder. *Jornal Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16 fev. 2006.
- ONGs cobram informações sobre compensação ambiental da Linha Verde e do aeroporto de Confins. *Informativo Associação Mineira de Defesa do Ambiente*, Belo Horizonte, 05 jul. 2006. Disponível em: <<http://www.amda.org.br/base/sp-nw?nid=18>>. Acesso em: jun. 2007.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, n. 1, 2002. (Coleção Milton Santos).
- SEMPER, Gottfried. Influence of historical research on trends in contemporary architecture. In: HERRMANN, Wolfgang. *Gottfried Semper: In search of architecture*. Cambridge: MIT Press, 1984a.
- ____. The basic elements of architecture. In: HERRMANN, Wolfgang. *Gottfried Semper: In search of architecture*. Cambridge: MIT Press, 1984b.
- ____. The attributes of formal beauty. In: HERRMANN, Wolfgang. *Gottfried Semper: In search of architecture*. Cambridge: MIT Press, 1984c.
- ____. A critical analysis and prognosis of present-day artistic production. In: HERRMANN, Wolfgang. *Gottfried Semper: In search of architecture*. Cambridge: MIT Press, 1984d.
- TEIXEIRA, Claudia Hlebetz. Onde os intérpretes da informação? *Informare – Caderno Programa Pós-Graduação Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 37-44, 1995.

Denise Morado Nascimento

Arquiteta, professora adjunta da Escola de Arquitetura da UFMG, mestre em Arquitetura pela University of York (Inglaterra) e doutora em Ciência da Informação pela UFMG.
e-mail: dmorado@arq.ufmg.br